

**ESTEREÓTIPOS DA IDENTIDADE ACRIANA
EM MEMES SOBRE O ACRE**

Anyelle Samy Costa de Oliveira (UFAC)

anyellesamy@gmail.com

Silvirlene Lopes de Moura (UFAC)

silvirlene@gmail.com

Siméia da Silva Souza (UFAC)

simeiasilva855@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar estereótipos presentes na construção de texto multimodal do gênero meme relacionado às temáticas da identidade acriana, publicados nas redes sociais *Instagram* e *Facebook*, por meio da página “DesACREditados” e “AcreMEMES”. Os *memes*, também, são maneiras de analisarmos a linguagem em uso (ROJO, 2011); de igual modo, percebemos a linguagem verbal correlacionada a imagens como instrumento de propagação de discursos reprodutores de estereótipos (HALL, 2016) sobre o Acre. A razão pela qual elegemos estes *memes* para analisar se justifica pelo fato de serem um meio de fácil reverberação de ideias estereotipadas (eurocêntricas), contra a origem geográfica e delugar (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017), o clima do local e a exacerbação de sua paisagem tida como exuberante, exótica e selvagem. Levando em consideração a natureza do objeto, nossa abordagem metodológica está pautada numa análise qualitativa interpretativa.

Palavras-chave:

Linguagem. *Meme*. Identidade acriana.

RESUMEN

Este estudio tiene por objetivo investigar los estereotipos marcados en la construcción de texto multimodal de género *meme* relacionado a las temáticas de la identidad acriana, que circulan en las redes sociales *Instagram* y *Facebook*, en los perfiles “DesACREditados” y “AcreMEMES”. Una vez que podremos analizar el lenguaje en uso (ROJO, 2011) a través de los *memes*; pues de igual manera, la percepción de lenguaje verbal se presenta correlacionada a imágenes como herramientas de propagación de discursos reprodutores de estereotipos (HALL, 2016) sobre el Acre. Se justifica elegir esos *memes* para análisis debido a su característica de fácil repercusión de ideas estereotipadas (eurocéntricas) contra el origen geográfica y de lugar (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2017), el clima de la localidad y la exacerbação de su paisaje vista como exuberante, exótica y salvaje. Considerando la naturaleza del objeto, nuestro abordaje metodológico se basa en una investigación cualitativa interpretativa.

Palabras clave:

Lenguaje. *Meme*. Identidad acriana.

1. As iniciais

Este artigo foi apresentado na I Semana de Estudos Linguísticos e Literários dos Grupos de Pesquisa Descrição das Línguas Faladas na Amazônia e Descrição e Análise da Língua Portuguesa: Fonética, Fono-logia, Variação e Ensino, ambos da Universidade Federal do Acre, evento que ocorreu simultaneamente à XIV Jornada Nacional de Linguística e Filologia de Língua Portuguesa do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. O trabalho foi desenvolvido a partir da percepção das constantes transformações que modificam a convivência social, acentuadas pela massificação e uso das Tecnologias de Informação e Comunicação.

A crescente difusão das mídias digitais em nosso cotidiano e a forma como as relações sociais tem se estabelecido no representativo espaço virtual – redes sociais na internet, destaca o fenômeno da alta popularidade para a disseminação de ideias e discursos, por meio dos *memes*.

Nas redes sociais, os *memes* são uma ferramenta que faz uso de várias modalidades de texto e de linguagem, na maioria das vezes, de forma clara e objetiva, seja com tom humorístico, crítico, social ou reflexivo. São estes meios de fácil propagação e possuem grande alcance, tendem a ampliar e repercutir um discurso, dando características globais e representativas a um tema.

Assim, nos propomos a apresentar uma análise na construção destes textos multimodais, gênero *meme* relacionados às temáticas da identidade acriana, publicados nas redes sociais Instagram e Facebook, por meio das páginas DesACREditados e Acrememes. Considerando dois eixos para análise: a linguagem em uso e a propagação de discursos estereotipados.

Antes de adentrar às especificidades deste estudo contextualizemos o *corpus*.

Figura 1; Perfil: “DesACREditados” no *Instagram*.



Fonte: “DesACREditados” no *Instagram*¹⁶¹.

A figura 1 faz referência ao Acre e inclui representações do imaginário do que foi construído como identidade social para o Acre, a partir de uma produção de humor. A foto do perfil remete à associação das cores da bandeira Acre e traz o elemento representacional, o dinossauro. E remete ao jogo de ideias da imagem com um lugar inexistente, relacionando com a (in)existência da espécie jurássica e, muito embora, haja evidências dos fósseis, a verdadeira natureza dos dinossauros não foi reconhecida. Ademais, é curioso observar, também, que a representação cultural da palavra “dinossauro” é comumente usada para descrever algo obsoleto ou fadado à extinção.

Ao reproduzir as representações de imaginários contidas nas ideias de que o Acre não existe validamos e propagamos, este discurso. Quando produzimos, reproduzimos, compartilhamos, republicamos mídias, nos apropriamos e reforçamos narrativas de uma identidade herdada culturalmente. Queirós e Mendes tratam desta questão de forma pontual evidenciando como ocorre a manutenção desta imagem e das representações, dos imaginários e de estereótipos sobre o local:

Se caso do Acre, a sua “não existência” revela essa necessidade de atribuição de significado para que o estado, então, passe a existir. Porém, o processo de significação o mantém no patamar dos lugares “não exis-

¹⁶¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/desacreditadosoficial/?hl=pt-br>>. Acesso em: 30 de ago. 2019.

tentes”. É um ciclo. Todas as vezes que se tenta atribuir sentido ao local, ele ganha sentido que o inferioriza, mantém a ideia de exotização e o conserva a margem da história. Isso acontece ora porque o processo de conceituação é feito pelo ‘outro’, o ‘estrangeiro’, aquele que não conhece muito bem a localidade a ser definida e a quem não interessa esclarecer certos aspectos, ora porque a conceituação é feita pelo autóctone, que já tem internalizado alguns conceitos atribuídos pelos “outros” como sendo verdades contundentes. (QUEIRÓS; MENDES, 2018, p. 29)

Figura 2: Perfil: “DesACREditados” no Facebook.



Fonte: “Desacreditados” oficial no Facebook.¹⁶²

O perfil do “DesACREditados” no Facebook (figura 2) tem a mesma construção do perfil no Instagram, no que se refere às representações e identidade social. Destaca-se a autodescrição e alerta para o conteúdo de cunho humorístico: “Zoeiras com o Acre, as melhores. ESTA PÁGINA É CONTRAINDICADA EM CASO DE MIMIMI”. A página continua ativa, porém as atualizações mais recentes são republicações compartilhadas do Instagram. Em outubro de 2019, o perfil possuía 105 mil seguidores.

¹⁶² Disponível em: <www.facebook.com/desacreditadosoficial>. Acesso: 05 de set. 2019.

Figura 3: Perfil: “Acre MEMES” no Facebook.



Fonte: Acre MEMES no Facebook.¹⁶³

Na figura 3, observamos que o perfil da página “Acre MEMES” representa o Estado do Acre pelas cores verde e amarelo e o símbolo estrela (na cor vermelha) que compõem sua bandeira. Observamos, ainda, que essa bandeira se apresenta na forma de pintura num rosto masculino com uma expressão facial de desespero ou medo. As postagens são sempre feitas pela rede social *Facebook*, pois o “Acre MEMES” não possui perfil no *Instagram*. O perfil se auto descreve como um Blog pessoal e geralmente, aborda conteúdos de humor sobre figuras políticas e cotidiano do Acre. Em outubro deste ano registrava um número de 7.158 adeptos.

É neste contexto que trataremos as questões levantadas inicialmente para desvelar o que a linguagem em uso, nos memes, traz de sentido para a nossa realidade na seção a seguir.

2. Memes linguagem em uso

¹⁶³ Disponível em: <www.facebook.com/acrememes>. Acesso: 05 de set. 2019.

O contexto de globalização e de pós modernidade, associado ao surgimento e ampliação contínua da tecnologia, são um dos principais agentes responsáveis pelas mudanças sociais, culturais, políticas e ideológicas da sociedade contemporânea, estimulando, portanto, a necessidade e a aparição de novas formas de comunicação. Nesse sentido, as intensas transformações nas mais diversas esferas da atividade humana têm propiciado o aparecimento de uma linguagem multimodal.

Dessa forma, os conceitos básicos sobre a linguagem, vistos por Saussure e por outros teóricos do século passado, apesar da grande contribuição, estão ultrapassados e cada vez mais ineficientes, justificado pelo fato de não serem mais capazes de corresponder as necessidades atuais. (RAJAGAPOLAN, 2003). Isso porque, estamos inseridos em uma sociedade cuja a linguagem tem sido cada vez mais permeada pelo hibridismo, favorecendo assim, a aparição de múltiplas formas na qual ela se apresenta, seja ela falada, escrita ou visual.

Seguindo essa perspectiva de que a linguagem tem sofrido forte influência do cenário globalizado e tecnológico, devemos considerar que tais modificações favoreceram o surgimento e a expansão de novas composições textuais, identificados principalmente pelos textos multimodais. Rojo (2011), define a multimodalidade como a forma em que as diferentes linguagens presentes dentro de um mesmo texto podem interagir. Desse modo, para Ferraz (2008) a multimodalidade pode ser caracterizada como aquela na qual o significado acontece por mais de um código semiótico, ou seja, por meio da utilização de diferentes recursos para produzir sentidos, sejam sonoros, visuais, de animações e entre outros.

Nesta perspectiva, os memes como um exemplo de gênero da multimodalidade, nitidamente presente nas práticas comunicativas das pessoas, possuem uma livre difusão e circulação nas redes sociais. Assim, as ilustrações de teor humorística consistem em um suporte lúdico e popular, capaz de propiciar facilmente a produção e a reprodução de algumas ideologias estereotipadas com alcance imediato de um grande número de pessoas.

Calixto (2017), em sua dissertação intitulada *Memes na internet: Entrelaçamento entre Educomunicação, cibercultura e a ‘zoeira’ de estudantes nas redes sociais*, conceitua a expressão “meme”, a partir da definição dada por Richard Dawkins, autor do livro *O Gene Egoísta* (1976). Etimologicamente, a palavra meme tem origem no grego da palavra *mimene* e significa imitação. A palavra original grega *mimene*, foi proposi-

talmente reduzida por Dawkins para que houvesse uma semelhança maior entre as duas palavras *meme* e *gene*. Para o referido autor, se os genes são os responsáveis nesse processo de formação das nossas características físicas, os memes são então, os encarregados de exercerem a função de transmissores culturais.

Conforme Araújo (2012), um meme pode ser uma foto, um vídeo ou uma frase que possua bastante circulação na internet, principalmente nas redes sociais aqui analisadas, *Facebook* e *Instagram*, com o principal objetivo de divertir os internautas. No entanto, apesar dessa essência humorística atribuída aos memes, sabemos que eles são imbuídos de significados e de representações, podendo ser utilizados como recursos discursivos e ideológicos para propiciar uma reprodução de ideias estereotipadas.

3. Identidade acriana: discursos estereotipados

Primeiramente trataremos aqui de apreciar alguns conceitos incutidos em nosso imaginário.

Para a construção do sentido de identidade, como aquele que se diz ser ou aquele que outrem presume que seja, propomos um contraste com o par oposto alteridade, sob a perspectiva sociológica.

Destarte, enquanto a noção de identidade parte do entendimento de mesmo grupo, o termo alteridade refere-se ao grupo do outro. Na psicologia a expressão *alter ego* que tem origem no Latim, pode ser traduzida como o outro eu. Essas visões de mundo opostas, quando ocasionam choque cultural permitem uma via de mão dupla, uma vez que todo grupo social que tenha uma identidade, também, estranha a identidade do outro, e se permite ser estranhado.

Fechar os olhos e estranhar as diferenças é garantir o equilíbrio e organização da razão, de certo modo, é manter a previsibilidade de tudo que pode acontecer.

A organização de vínculos que reúnem indivíduos ou traços em comum constituem a identidade individual ou social. Como já dito, outra forma de organizar essa constituição é estabelecer a diferença e os limites da identidade. E, esses limites tendem a se transformar de acordo com as experiências, reflexões e trajetórias individuais de vida.

Para uma sociedade globalizada, validar a afirmação de sua iden-

tidade e de elementos que a reforçam, expressa com grande importância a fundamentação de demarcação de cultura, arte, prática social de forma conectada com a perspectiva global.

Quanto à identidade específica atribuída a uma determinada nação (seja um povo, uma região, certo estado e até um país), cabe dizer, a partir das contribuições de Hall (2006, p. 52), que ela resulta das histórias que são contadas sobre a nação, das memórias que conectam presente e passado. Assim, como também, remontam a panoramas, símbolos, rituais, eventos históricos e imaginário identitário, sob a perspectiva de um conjunto de práticas que buscam articular certos valores e normas de comportamento, por meio da repetição. E, não menos por acaso, o corpus deste artigo tende a reforçar, de forma bem-humorada, os estereótipos acerca do Acre.

Enfatizar a percepção de identidade nas origens, na tradição herdada e nos aspectos que perpassam a longo de todo o tempo, é assumir que permanecemos imutáveis suscetíveis a qualquer intempérie da natureza, como a onda de calor ou a alta pluviosidade característica da região em que vivemos. De maneira que na constituição do discurso, a construção de uma identidade social, deve ser compreendida como representação imaginária, que ora pode ter explicação histórica ou não. E por mais que essas representações se vinculem às tradições ou à história, podem ser facilmente desconstruídas, uma vez que há no Brasil lugares que registraram temperatura muito mais alta do que comumente é a medida no Acre, a saber por exemplo, a cidade de Sobral no Ceará que já registrou temperatura de até 43,9º em janeiro de 2015.¹⁶⁴

Além disso merece destaque a nova abordagem dos estudos culturais que nos permitem contestar as referências:

[...] posto que sempre devemos interrogar nossas fontes e colocá-las sob o crivo de constante problematização, podemos imaginar o quanto nossas narrativas de pertencimento a identidades nacionais, regionais, locais estão impregnadas dessas fantasias criadas por sujeitos de diferentes espaços/ tempos, impondo suas invenções como nossos referenciais de marcos fundadores, tecendo nossas noções acerca de uma palavra (Amazônia), que não encontra referente no “mundo real” de nossas existências. (ALBUQUERQUE, 2016, p. 77)

Dessa forma, os discursos de representação do Acre estão em

¹⁶⁴ Revista EXAME (versão digital). Editora ABRIL. Publicada em 21 jan 2015.

grande parte atrelados à ideia de um discurso repetitivo e caricatural, carregado de uma carga negativa reducionista que deprecia na maioria das vezes o local.

Outro aspecto bem interessante trabalhado por Glissant (2005, p. 27) é uma perspectiva ampliada sobre o conceito de identidade, quando evidencia que a identidade de raiz única, exclui o outro; e propõe, ainda, a noção de contemporaneidade à concepção de identidade como rizoma, assim, deixando de ser uma raiz única para ser uma raiz que busca encontrar outras raízes para uma compreensão plural.

Nenevé e Sampaio (2015, p. 29) apontam, também, a conveniência que devemos ter com a visão do colonizador, despertando nossos sentidos quanto a produção e reprodução de ideias que corroboram com o preconceito. Assim, abandonemos as raízes do preconceito e conheçamos as diferentes realidades, para perceber que as questões de identidade nos distanciam e nos limitam, enquanto indivíduo e sociedade.

As marcas que fortalecem a representação de um imaginário de identidade para um povo são puramente construções simbólicas, artefatos que sedimentam a delimitação do sujeito ou de um grupo, mas não dizem da pluralidade de ideias de uma cultura. O sotaque, os costumes, as questões culturais do acriano ou de qualquer outra nação encaixadas pelo encurtamento e isolamento da identidade cultural, são questões que podem ser absorvidas muito rapidamente por qualquer pessoa ou em qualquer parte do mundo. Brequemos as atitudes reducionistas de um povo a um estereótipo de identidade, enfrenta diretamente a convicção de intolerância e superioridade de alguns indivíduos ou povos, quanto aos traços: de caráter, físicos, de manifestações culturais ou religiosas, dentre outras características.

Considerar os textos humorísticos como um material rico para analisar e refletir a construção de identidade social, verificamos que comumente temos uma imagem sedimentada com alguns aspectos negativos para as pessoas de origem do Estado do Acre.

Vale ressaltar sobre a seleção das postagens usadas neste artigo, que estas somente servem para ilustrar a análise, a partir da atribuição de duas ideias: a) a linguagem em uso; e b) propagação de discursos estereotipados (eurocêntricos).

Da construção da identidade social de estado inexistente, entendamos alguns dos motivos que figuram essa questão como objeto de pia-

da, de igual maneira, também, tentemos encontrar ou não respaldo histórico que explique essa construção identitária. A concepção histórica para a inexistência deste rincão, reside no entendimento de que o estado está situado muito distante dos grandes centros mais conhecidos no Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo, Distrito Federal. E da literatura de viagem do século XVII com a constituição de um imaginário – por meio de uma narrativa lenta e densa, que tomamos compreensão de uma representação, exclusiva, como justificativa para a relação de inexistência da região amazônica, a Terra sem história por Euclides:

Naqueles lugares, o brasileiro salta: é estrangeiro, e está pisando em terras brasileiras. Antolha-se-lhe um contra-senso pasmoso: à ficção de direito estabelecendo por vezes a extraterritorialidade, que é a pátria sem a terra, contrapõe-se uma outra, rudemente física: a terra sem a pátria. É o efeito maravilhoso de uma espécie de imigração telúrica. A terra abandona o homem. Vai em busca de outras latitudes. E o Amazonas, nesse construir o seu verdadeiro delta em zonas tão remotas do outro hemisfério, traduz, de fato, a viagem incógnita de um território em marcha, mudando-se pelos tempos adiante, sem parar um segundo, e tornando cada vez menores, num desgastamento ininterrupto, as largas superfícies que atravessa. (CUNHA, 1999, p. 5)

Por outro lado, lembremos que o discurso por si só infere um efeito constitutivo; através da repetição naturalizamos uma afirmação à nossa existência, o que se observa em: o Acre é muito quente, logo todos os acrianos sofrem com o calor; o dado de condições climáticas – temperaturas altas, é um fenômeno naturalizado a todos os que são acrianos, muito embora essa afirmação não signifique, de fato, a verdade.

Assim, como forma de resistência a naturalizar os discursos dados, tomemos como elemento norteador transformando o nosso discurso:

Precisamos produzir essas outras escritas, social e eticamente comprometidas com as lutas para mudar a aparente “ordem natural” da história de violências e injustiças contra as humanidades e naturezas dos espaços/ tempos que habitamos. (ALBUQUERQUE, 2016, p. 28)

No que se refere à imagem de identidade do homem em detrimento do clima, fator atribuído na Imagem (4) ao trocadilho “Calordapeste” característico do Acre, com o nome da cidade húngara Budapeste, revisitando a narrativa dos escritos literários de Mário de Andrade encontramos:

Aliás, essa história de calor, a gente mais ou menos se acostuma. Não se acostuma por causa dos naturais desta terra, que não se esquecem de nos dizer todo dia e todo o dia, que “no dia de hoje está fazendo um calor excepcional”. (ANDRADE, 2015, p. 137)

Ocorre que as condições climáticas e atmosféricas de uma região ou local estão relacionadas às condições meteorológicas ao longo dos anos. E, não é condição exclusiva de vivência para o povo que habita a região do Acre. Sendo assim, conhecer a dinâmica climática das diferentes partes do mundo é muito importante para contrapor ideias de que o calor não está relacionado à identidade.

A noção de nossa própria identidade é permitida pelo sentido da consciência de saber quem somos e da sensação de pertencimento, relacionado com as questões sobre a forma que a cultura nos restringe ou nos mantém em caixas – grupos, com todo o sentido da palavra: delimitados, restritos.

4. Análise dos memes

Figura 4: Publicação “DesACREditados”: Meme estereótipo de clima quente.



Fonte: “DesACREditados” no Instagram.

Na representação visual (figura 4) o tema tratado associa realidades geográficas extremamente distintas, através da comparação de paisagens similares para rirmos de nossa condição climática “muito quente”. O emissor trabalha o campo imaginativo e detém-se na exploração de possibilidades, de situações improváveis e de combinações de ideias, embora, saiba de outras realidades para este contexto, desperta o aspecto cômico das situações imaginárias – que o Acre é o único lugar do mundo a passar por fortes ondas de calor.

Figura 5: Publicação “Acre MEMES”: estereótipo quanto à origem geográfica.



Fonte: Acre MEMES no *Facebook*

Na figura 5, há duas imagens em que a primeira, introduzida pela legenda “Como vc pensa que o Acre é:”, aparece a figura de um dinossauro, remetendo, assim, ao estereótipo de um lugar remoto, não “evoluído”. Na segunda, legendada por “Como realmente ele é:”, são adicionadas as imagens de um ser humano pré-histórico, uma nota de três reais e uma espaçonave. O homem pré-histórico reforça o estigma de que no Acre as pessoas não são “evoluídas”, ou seja, são atrasadas. No tocante as figuras da nota de três reais e da espaçonave, estas fazem alusão ao discurso de que o Acre é um lugar não existente, ou que é “coisa de outro mundo”.

Figura 6: Publicação “DesACREditados”: estigma do Acre enquanto lugar distante.

Suplemento: *Ana*



1451

Fonte: “DesACREditados” no *Facebook*

No tocante ao meme da figura 6, identificamos a reprodução de um discurso que o Acre é um lugar distante, isolado, de difícil acesso, a ponto de ser excluído de promoções em que não é cobrada tarifa de frete para entrega de produtos comercializados via internet.

Os memes em questão, trazem a unidade identitária tida como regionalizada constituída, ainda, a partir da percepção do olhar eurocêntrico, que defende definições e descrições do que é a “realidade” regional e sua população. A intenção é dialogar no sentido de alertar quanto ao discurso da criação e sedimentação de uma visão depreciativa e preconceituosa.

5. Considerações finais

A proposta de analisar a representação de uma identidade social para o Acre, a partir da construção presente nas mídias digitais (redes sociais), refletiu conceitos identitários como um processo cultural fundado na representação do imaginário, a respeito do local. Para compreender o contexto de formação das interações sociais foi necessário compreender que este processo se dá através da transmissão cultural e da difusão da informação, fundamentado na imitação, cuja replicação é massificada no universo virtual.

Neste sentido, notemos que, enquanto sociedade, criamos e cristalizamos ideias como se fossem artefatos para produzir sentido aos nossos pensamentos. Construimos/reconstruímos sentidos quando nos expressamos como objetos estereotipados, estigmatizados, quando produzimos e reproduzimos mídias, quando nos comunicamos através da mídia, quando consumimos objetos culturais, quando nos apropriamos e repro-

duzimos narrativas de uma cultura herdada e não contestada. Os *memes* em questão, trazem a unidade identitária tida como regionalizada constituída, ainda, a partir da percepção do olhar eurocêntrico, que defende definições e descrições do que é a realidade regional e sua população. Embora, sutilmente diluída em doses de humor ou piada, a ideia de Acre/acriano relacionado a atraso, inexistência se difundem e são reforçadas. Mas para desatar amarras e reconstruir a representação de uma auto identidade, se faz necessário dialogar no sentido de alertar quanto ao discurso da criação e sedimentação de uma visão depreciativa e preconceituosa que trazemos até nossos dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2017.

ALBUQUERQUE, Gerson. Amazonialismo. In: ALBUQUERQUE, Gerson; PACHECO, Agenor Sarraf. *Uwa'kürü Dicionário Analítico*. Rio Branco-AC: Nepan, 2016.

ANDRADE, Mário. *O Turista Aprendiz*. Brasília-DF: Iphan, 2015.

ARAÚJO, Juliana Xavier. *MEMES: a linguagem da diversão na internet análise dos aspectos simbólicos e sociais dos ragecomics*. Publicado em 2012. Disponível em <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/428/5/JX_Araujo.pdf> Acesso em 30 de nov. 2019.

CALIXTO, Douglas de Oliveira. *Memés na internet: entrelaçamentos entre educomunicação, cibercultura e a 'zoeira' de estudantes nas redes sociais*. Publicado em 2017. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-01112017-102256/publico/DOUGLASDEOLI_VEIRACALIXTO.pdf> Acesso em 30 de nov. 2019.

CUNHA, Euclides. *À Margem da História*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Trad. de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de To-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

maz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia. Re-imaginar a Amazônia, descolonizar a escrita sobre a região. In: ALBUQUERQUE, Gerson; NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia. *Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização*. Rio Branco: Nepan, 2015.

QUEIRÓS, Francisco Aquinei Timóteo; MENDES, Francielle Maria Modesto. *Caudal identitário: representação, imaginário e estereótipo no documentário O Acre Existe*. Verso e Reverso, 32(79):25-33, janeiro-abril 2018. Unisinos – doi: 10.4013/ver.2018.32.79.03

RAJAGAPOLAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem e identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

ROJO, R. Moura. *Multiletramentos na Escola*. São Paulo: Parábola, 2011.

SANTOS, Valmaria Lemos da Costa; SANTOS, José Erimar dos. *As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas*. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1936>>. Acesso em: 02 set. 2019.